

BC PEDE PRAZO DE ATÉ SEIS MESES

Regina Alvarez
Da equipe do **Correio**

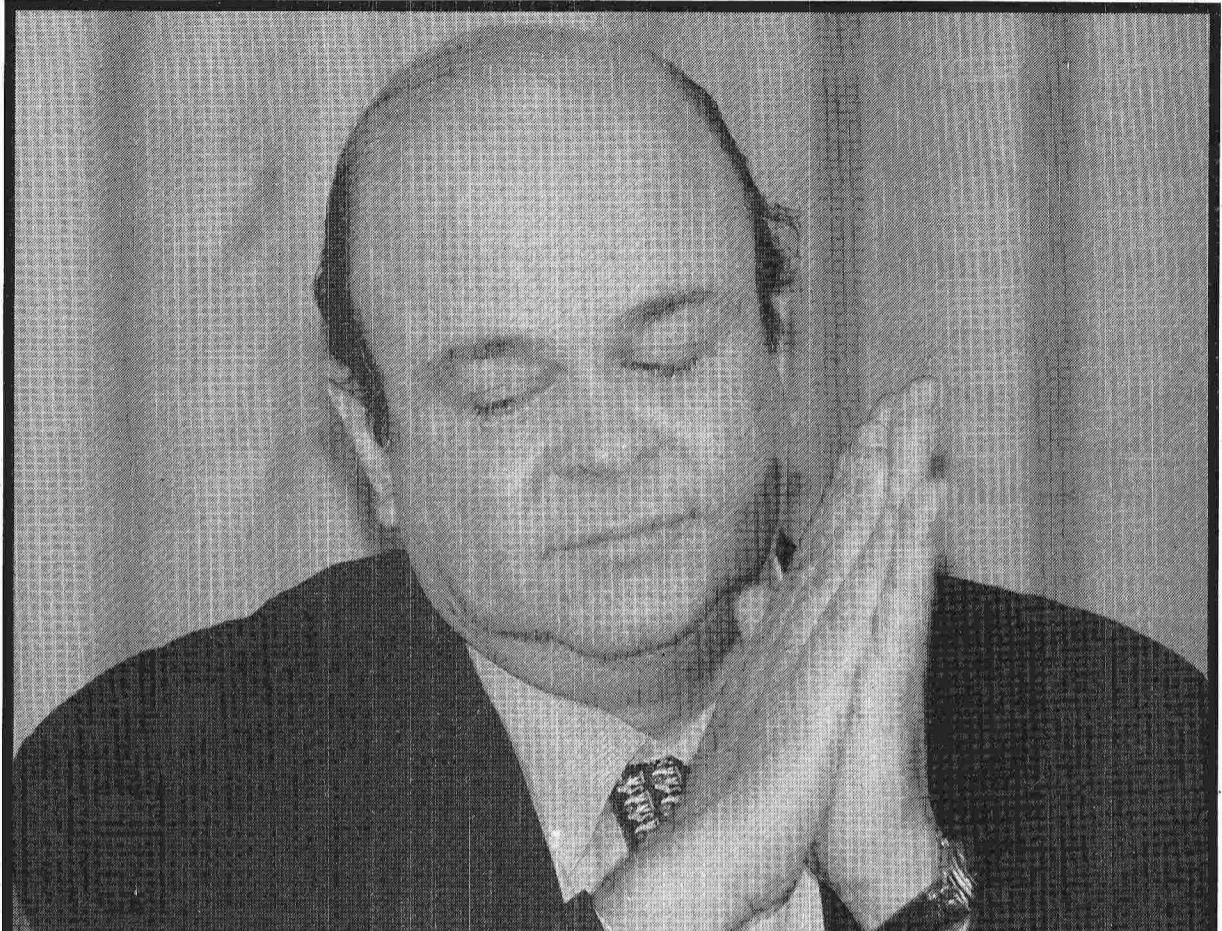
O caminho do câmbio flutuante é um caminho sem volta e o Banco Central está preparado para enfrentar dias difíceis. Vai continuar agindo com frieza e mantendo as taxas de juros elevadas até que o mercado encontre seu ponto de equilíbrio. Não vai queimar reservas para puxar a cotação do dólar para baixo, nem cogita adotar qualquer outro regime de câmbio. É o que garante o presidente do BC, Francisco Lopes, que reuniu ontem um grupo de jornalistas para avaliar os primeiros seis dias de vigência da nova política cambial e desmentir boatos sobre moratória, nova mudança no regime de câmbio e mais um pacote.

O presidente do BC estima que, no máximo, em seis meses o câmbio estará estabilizado e nesse período a âncora para controlar a inflação e evitar explosão na taxa de câmbio será a taxa de juros, já que o ajuste fiscal ainda está sendo consolidado. As intervenções no mercado serão ocasionais e pelo que se viu ontem no mercado muitas vezes de forma indireta. Francisco Lopes disse que a atuação do Banco do Brasil vendendo dólares “é algo que pode ocorrer”. E completou: “Se o Banco do Brasil vendeu dólares hoje (ontem) pode até ter feito um bom negócio. Se as taxas caíram por causa disso o Banco do Brasil prestou um serviço ao país”.

Lopes negou que o governo esteja cogitando novas medidas na área fiscal para complementar o ajuste de R\$ 28 bilhões, depois da desvalorização do real. “É necessário cumprir o que está aí”, disse, esclarecendo que as metas de déficit nominal acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) — que inclui a conta de juros — terão de ser revistas, porque essas despesas aumentaram.

Confirmou estudos para a unificação do câmbio comercial e flutuante, que estaria dependendo apenas de “questões normativas e tributárias”, segundo explicação do diretor de Assuntos Internacionais do BC, Demosthenes Madureira de Pinho Neto que, junto com o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, participou do encontro com os jornalistas. “Estamos mais perto da unificação, mas queremos fazer as coisas com cuidado”, completou Lopes.

Carlos Moura 10-9-98



Chico Lopes: “Não conseguimos imaginar uma situação em que o Brasil teria que fazer uma moratória da dívida”

As especulações sobre uma moratória da dívida interna foram consideradas sem sentido pelo presidente do BC, que usou como argumento o fato de a dívida brasileira, em percentual do Produto Interno Bruto (PIB), ser uma das menores do mundo. “Achamos essa idéia de moratória ridícula. Não conseguimos imaginar uma situação em que o Brasil teria que fazer uma moratória da dívida interna”, disse.

MORATÓRIA

Quanto à dívida externa, foi taxativo: “Não faremos (moratória)”. E justificou: “O Brasil está recebendo R\$ 20 bilhões de investimentos diretos por ano e perderia esses investimentos se o governo adotasse o caminho da moratória”.

Se o mercado atua baseado em expectativas, o governo procurou mostrar ontem que a situação está totalmente sob controle e que considera absolutamente normais as oscilações da taxa de câmbio nesses primeiros dias do novo regime. O presidente Fernando Henrique estaria totalmente seguro que a aposta no câmbio flutuante é acertada. Lopes contou que no meio da

tarde de quinta-feira, quando o mercado enlouquecido puxava a cotação do dólar para próximo de R\$ 1,80, o presidente telefonou para dizer o seguinte: “Fique frio que eles estão testando a gente”. E recebeu como resposta, em tom de brincadeira: “Então venha para cá e assuma”.

Na conversa de ontem, o presidente do BC usou argumentos diversos para mostrar que o país não vai mudar novamente de regime cambial. O retorno ao regime de bandas, mesmo no futuro, foi descartado porque o mercado não aceitaria mais esse sistema. “Não temos essa alternativa. O risco seria muito grande. Voltaríamos a ser atacados e a capacidade de defesa seria muito menor”.

No mundo globalizado, observou Lopes, só existem dois regimes de câmbio viáveis a longo prazo: a flutuação, mais ou menos pura; ou o sistema de união monetária, do tipo adotado na Europa, ou através do *currency board*, que existe na Argentina e Hong Kong. “Os regimes de câmbio fixo são muito vulneráveis. A estabilidade é enganosa”, disse.

Lopes explicou também porque o BC decidiu adotar o regime de

câmbio flutuante. “Fomos forçados pela crise e pela perda de reservas que chegou a quase US\$ 7 bilhões nos dias que antecederam a mudança. Pretendíamos fazer a transição gradualmente, mas o nosso gradualismo se revelou lento demais para o resto do mundo. A opção foi a flutuação, mas fizemos com a convicção de que poderemos implementar esse regime”.

“O regime de flutuação traz uma série de benefícios. Os juros podem ser menores no médio prazo e o país pode voltar a crescer” disse Lopes, citando o exemplo do México. “Quando adotou a flutuação, o país estava quase sem reservas e conseguiu em pouco tempo recuperar a capacidade de crescimento. Não mencionou, entretanto, que no primeiro ano do novo regime a queda do PIB no México chegou a 7%.

Depois do alvoroço de quinta-feira, Lopes concluiu que o dia de ontem foi “relativamente bom”, com a taxa de câmbio em R\$ 1,70. Ressaltou que na quinta-feira o volume de exportações havia sido excepcional, chegando a US\$ 240 milhões, e o superávit da balança ficara em US\$ 156 milhões, o que seria uma sinalização positiva para o futuro.